

Vila Velha.

Um município de muita história

Em 23 de maio de 1535, com a chegada de Vasco Fernandes Coutinho em Vila Velha, começamos a escrever a história do Estado do Espírito Santo. A Igreja celebrava, naquele dia, a festa do Divino Espírito Santo. Por essa razão, os colonizadores resolveram dar ao povoado que fundaram o nome de Espírito Santo (depois de Vila Velha).

Com o passar do tempo, toda a Capitania ficou assim denominada. Riqueza trazida pelos engenhos de açúcar fez com que os homens se fixassem nas terras da Capitania. Sua população foi aumentando e o povoado se irradiou para áreas vizinhas. Hoje nós temos neste espaço do Brasil, chamado de Estado do Espírito Santo, um povo de várias origens e uma economia pujante.

Em 1532 Dom João III divide o Brasil em Capitanias Hereditárias.

Em 1534 (primeiro de junho), foi assinada, em Évora, a Carta-Régia de doação da Décima Primeira Capitania a Vasco Fernandes Coutinho.

Em 1535 (vinte e três de maio), Vasco Fernandes Coutinho chegou em Vila Velha, num domingo consagrado pela Igreja do Espírito Santo, daí o nome da Capitania.

Em 1537 (quinze de julho), Vasco Fernandes Coutinho doa a Duarte Lemos a Ilha de Santo Antônio, que recebeu o nome de Vila Nova do Espírito Santo.

Em 1545, fundação da Igreja do Rosário. Em 1558, chegada de Frei Pedro Palácios em Vila Velha.

Em 1561, morte de Vasco Fernandes Coutinho, em Vila Velha, onde residia.

Em 1566, início da construção do Santuário de Nossa Senhora da Penha.

História começou em W

Vila Velha é, sem dúvida, o marco da colonização dentro da história do Espírito Santo. Em 1553, os portugueses aportaram em Vitória, entre os morros de Jaburuna e da Penha. Tinham a intenção de explorar as riquezas naturais da região. Imediatamente fundaram uma vila, com pouco mais de 30 casas de palha e uma pequena capela. Eles eram os verdadeiros donos das terras.

A partir desse período, os registros se limitam à história da civilização branca dominante. Os portugueses travaram sangrentas lutas com os índios e outros que tentaram colonizar a região. Em razão disso, colonizadores se viram forçados a se transferirem para a Ilha de Vitória, desativando o pequeno local. Em 1558, entretanto, aportou em Vila Velha o ermitão espanhol Pedro Palácios, que iniciou, com o trabalho escravo de índios e negros, a construção da Ermida de Nossa Senhora da Penha. Somente tempos depois, em 1650, foi fundado o Convento da Penha.

No início do século XVII, os portugueses construíram o Forte São Francisco Xavier, mais tarde denominado Fortaleza de Piratininga. No século XIX foi fundada a Santa Casa de Misericórdia de Vila Velha, em 1871 foi edificado o Farol de Santa Luzia, para dar apoio à navegação. Diante disso, o crescimento de Vila Velha até início do século XX foi de forma lenta, resumindo-se a ocupação do núcleo da fundação da cidade e dos pequenos povoados nos distritos de Camboapina, Jucu e Porto de Argolas.

Em Argolas, tempos depois, foram implantados os terminais da estrada de ferro Leopoldina e Vitória a Minas. Colocou-se, também, uma linha de bonde ligando os bairros de Paul, Vila Batista, Vila Garrido, Ataide, Aribiri e Glória. O centro de Vila Velha era ligado por bonde até Paul e de lá para Vitória a travessia da baía de Vitória era feita através de barco a remo. Até hoje um número reduzido de embarcações a remo existem no cais de Paul.

O comércio era muito reduzido, se restringindo à produção de alguns cereais e frutas comercializadas no Porto de Vitória e transportadas pelo Rio Marinho. A Ponte Florentino Avidos (Cinco Pontes), ligando Vitória ao continente, só foi inaugurada em 1928. Com a construção da Estrada de Vila Velha foi facilitado o surgimento de novos eixos de expansão humana. Até 1950, a cidade apresentava uma densidade populacional baixa, com a predominância da área verde em relação à edificada. O centro urbano concentrou-se na Avenida Champagnat. A Praia da Costa era desabitada e coberta de vegetação de restinga.

A construção da Rodovia Carlos Lindenberg (hoje Avenida Carlos Lindenberg) na década de 50, com outros fatores determinantes, contribuiu para o crescimento do município. Após 1960, Vila Velha teve um impulso maior. Segundo estudos do Instituto Jones dos Santos Neves, na década de 70, Vila Velha e Cariacica receberam quase 70 por cento da imigração.



Convento da Penha. Início da história



Obelisco, Prainha de Vila Velha

Monte foi doado em 1591 por Luiza Grinalda

O monte da Penha foi doado por Luiza Grinalda em dezembro de 1591. Luiza era viúva de Vasco Fernandes Coutinho Filho, filho bastardo de Vasco Fernandes Coutinho. Coutinho Filho conseguiu em 1589 que o frei Melchior de Santa Catarina enviasse para cá os freis Antônio dos Mártires e Antônio das Chagas. Os dois deram continuidade às obras do Convento da Penha. Em 1637 eles construíram o corpo da Igreja de Nossa Senhora da Penha. Em 1650 foi fundado o Convento de Nossa Senhora da Penha.

A lenda conta que qualquer navio que passasse na sombra do Convento da Penha, na barra, seria derrotado. Cansados pela luta desigual com os portugueses, os índios, contam os historiadores, se juntaram a eles e juntos passaram a combater os invasores estrangeiros. Na época as lutas eram grandes e foi necessário que se reforçasse a defesa na entrada da baía de Vitória, com mais portugueses e índios provenientes do Rio de Janeiro.

Numas das batalhas o frei Manoel do Espírito Santo, inspirado, repicou os sinos da vitória antes mesmo dela ter ocorrido. Em razão disto os defensores acabaram por se animar e os invasores acabaram se afugentando. Foi uma das grandes vitórias travadas contra os invasores. Brancos (portugueses) e índios lutaram juntos em várias frentes de batalha em defesa da cidade na entrada da baía de Vitória.

Súplica salvou Palácios

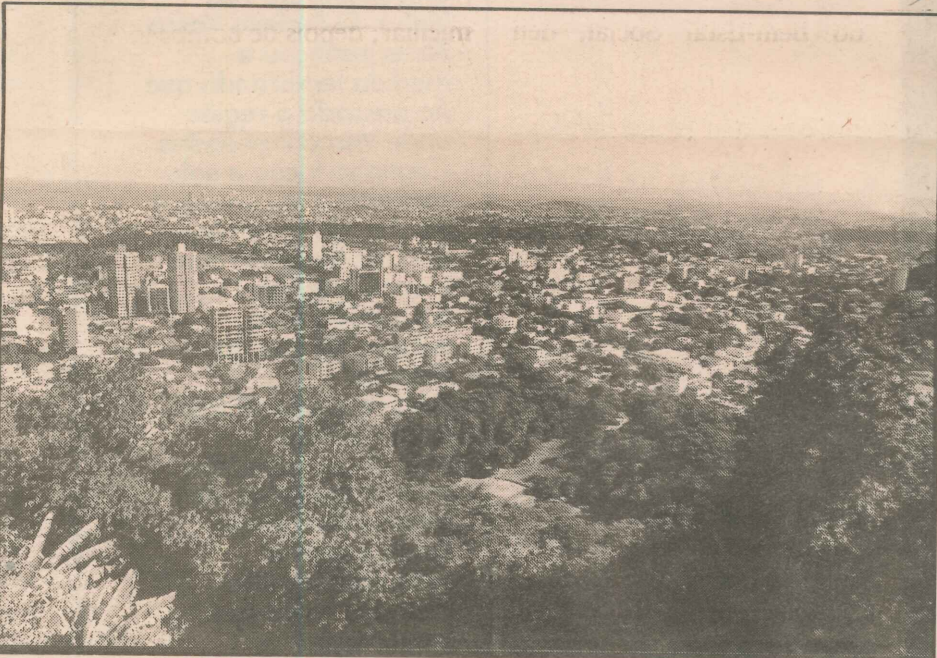
Em 1558 chegou ao Espírito Santo o frei franciscano Pedro Palácios. Conforme a história, desembarcou em Vila Velha. Aqui ele queria difundir o cristianismo. A sua chegada foi cantativa, pois o mar estava revoltado e a sua embarcação acabou não suportando e afundou. Uma espécie de primeiro milagre aconteceu. Frei Pedro Palácios suplicou muito. Não fosse isto ninguém teria sobrevivido.

Historiadores afirmam em documentos escritos que o desembarque na Prainha de Vila Velha, frei Pedro Palácios entrou nas matas imediatamente. Carregava consigo um painel de Nossa Senhora da Penha, segundo ainda historiadores, procedência castelhana e de autor desconhecido. Dias depois, ele, frei Pedro Palácios, foi encontrado dentro de uma gruta (ainda existente) onde colocou o painel numa espécie de altar e chamava as pessoas para que fizessem com ele as orações. Ali viveu por seis anos, rejeitando as casas que foram oferecidas a ele. Com ele viveu um negro escravo, um cachorro e um gato.

A lenda é contada no sentido de que os seguidores de frei Pedro Palácios o encontra-

ram no meio da mata afirmando que o seu painel havia desaparecido. Depois de muita procura na floresta, o painel foi achado entre duas palmeiras no cume da montanha. Os questionamentos vieram logo. Todos queriam saber como tudo aconteceu. Os historiadores afirmam que a resposta era de que "os anjos que respondam". O painel foi levado de volta ao local onde morava o frei, isto é, à gruta. No Campinho, onde hoje são celebradas missas campais, com o maior número de pessoas e, também, serve de estacionamento, frei Pedro Palácios ergueu uma capela em homenagem a São Francisco de Assis.

Uma imagem de Santo Antônio e o painel de Nossa Senhora da Penha foram colocados nesta capela. Mais uma vez o painel desapareceu, e foi encontrado mais uma vez entre as duas palmeiras, no cume da montanha. Foi então que ele decidiu construir uma igreja para Nossa Senhora da Penha. Já velho, mas com a ajuda dos índios e escravos, construiu o convento em apenas quatro anos, de 1566 a 1570. Seus sucessores continuaram sua obra, fazendo com que o convento seja o que é hoje.



Panorâmica da Cidade